

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

**ESPÍRITO EMPREENDEDOR,
novo traço cultural do brasileiro?**



**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

O universo único de quem não tem patrão

O Brasil tem hoje cerca de 40 milhões de empreendedores individuais, micros e pequenos empresários. Eles são quase 20% da população. Gente que tem no sangue disposição para criar e inovar; que enfrenta um sem-número de dificuldades de todo tipo para colocar no mercado serviços e produtos, muitos dos quais projetados a partir das facilidades oferecidas pelas novas tecnologias.

Foi para mergulhar neste universo que o Espaço Democrático - a fundação para estudos e formação política do PSD - reuniu, em março de 2015, o economista Marcel Solimeo, da Associação Comercial de São Paulo, o cientista político Rubens Figueiredo, coordenador de conteúdo da fundação, e a psicóloga social Mara Sampaio, autora do livro *Atitude Empreendedora: Descubra com Alice o Seu País das Maravilhas*.

Eles participaram do painel "O Espírito Empreendedor", primeiro de uma série de debates da fundação, os Encontros Democráticos. Esta publicação registra a íntegra desta conversa, mediada pelo jornalista Sérgio Rondino. Um dos pontos que emergiram da discussão é revelador: esse voluntarioso exército de pessoas que busca e encontra o caminho de não ter patrão ainda tem pouca consciência de sua importância para o desenvolvimento econômico do País e de sua força política como classe social.

Boa leitura.



Participantes

- **SÉRGIO RONDINO**, jornalista
- **RUBENS FIGUEIREDO**, cientista político, colaborador do Espaço Democrático
- **MARCEL SOLIMEO**, diretor do Departamento de Economia da Associação Comercial de São Paulo
- **MARA SAMPAIO**, professora e consultora em empreendedorismo e autora do livro Atitude Empreendedora



SÉRGIO RONDINO: Estamos iniciando aqui no **Espaço Democrático**, a fundação para estudos e formação política do PSD, uma nova série de debates. São os “Encontros Democráticos”, que têm o objetivo de reunir especialistas para tratar de assuntos relevantes na realidade brasileira.

Como aconteceu no primeiro ciclo de debates, sob o título “Desatando os nós que atrasam o Brasil”, nossos convidados não têm, necessariamente, ligação com o Partido Social Democrático. São brasileiros que, com seus conhecimentos, ideias e propostas, vêm a este

espaço democrático para dar sua contribuição ao desenvolvimento do País.

O encontro de hoje tem o seguinte tema: o espírito empreendedor é um novo traço cultural do brasileiro? Participam o economista Marcel Solimeo, diretor do Departamento de Economia da Associação Comercial de São Paulo; a psicóloga social Mara Sampaio, professora e consultora em empreendedorismo e autora do livro **“Atitude Empreendedora”**, lançado recentemente; e o cientista político Rubens Figueiredo, colaborador do Espaço Democrático.

Eu vou pedir a cada um dos participantes que faça uma primeira abordagem e depois nós passaremos à troca de ideias, perguntas e respostas. Eu gostaria de começar com o Rubens Figueiredo, a quem colocarei a seguinte questão: o que mudou na sociedade brasileira para que o empreendedorismo chegasse a ter essa dimensão que tem hoje no País?

“ **o que mudou na sociedade brasileira para que o empreendedorismo chegasse a ter essa dimensão que tem hoje no País?** ”



emergiu dessa conjugação de mudanças um novo cidadão, cuja principal característica foi a transformação daquela pessoa que esperava que tudo caísse do Estado para alguém que quer realizar

RUBENS FIGUEIREDO: O Brasil é um país de fortíssima tradição estatal. País muito burocratizado, cheio de controles, e isso gerou uma cultura estatal, muitas vezes uma cultura contra a iniciativa privada. Nós desenvolvemos aqui a ideia de que o lucro é pecado. E desde muito tempo, até atualmente, o empresário, de uma maneira geral, tem uma imagem muito ruim.

Quando se analisa o espírito capitalista, as pesquisas mostram que a adesão das pessoas à livre iniciativa está fortemente associada à escolaridade. De uns 20, 25 anos para cá, aumentou de forma razoável o nível de escolaridade dos brasileiros, assim como também melhorou essa compreensão do que é o capitalismo, o que é ter uma empresa, o papel social do lucro. Isso melhorou, mas ainda está longe de ter uma dimensão que se encontra nos países desenvolvidos, até porque é uma cultura diferente.

Nesse período de tempo, que é bastante pequeno em termos de dimensão histórica, nós vivemos duas verdadeiras revoluções do ponto de vista de transformações culturais, seja pela sua dimensão, seja pela sua profundidade.

Primeiro, o Plano Real. A gente tinha uma cultura de moeda transitória. O Plano Real estabeleceu a cultura da moeda com valor em si. O brasileiro tinha também uma cultura de investir seu dinheiro no mercado financeiro, que era mais interessante do que investir na esfera da produção. O Plano Real transformou essa moeda volátil numa moeda estável, e através dessa transformação as pessoas passaram a frequentar o supermercado, houve um aumento no bem-estar, do consumo, e o Brasil passou a viver um sistema capitalista "parecido" com aquele que existe nos países onde o capitalismo é mais desenvolvido. Preparado pela estabilização da moeda, nós tivemos um *boom* do consumo, que é a segunda etapa dessas transformações. Foi muito interessante porque uma parcela ampla dos brasileiros entrou em contato com o mercado e com o capitalismo propriamente dito.

Eu tinha uma babá e certa vez viajei para a praia. Ela foi e voltou falando ao telefone com uma pessoa na Bahia. Eu pensei: "Se eu falar tanto tempo assim tenho que vender meu carro para pagar a conta do telefone". E ela me explicou que tinha um celular com

quatro chips e falava de acordo com as promoções das operadoras. Isso é simbólico do mergulho que essa classe teve - estima-se algo em torno de 40 milhões de pessoas. De uma hora para outra, em muito pouco tempo, essas pessoas tiveram um choque cultural. Passaram a ter crédito, passaram a procurar qual loja vende mais barato, a ver qual operadora de telefonia tinha o melhor programa para o perfil do comprador do serviço.

Há um documentário emblemático dessa transformação, chamado *"A Família Braz"*, que mostra a mesma família numa favela aqui em São Paulo, a da Brasilândia, em 2002, e depois em 2010. É impressionante o que aconteceu com aquela família. Não só do ponto de vista de itens de consumo. É impressionante o que aconteceu do ponto de vista da cultura das pessoas, do comportamento, do que as pessoas almejam, do que passaram a admirar como consumo cultural, não só como consumo de produtos. Para se ter uma ideia, o seu Tônico, patriarca daquela família, foi assistir *"My Fair Lady"*.

Então, isso redimensionou o Brasil do ponto de vista cultural, da relação com o mercado e da relação com o consumo no qual a moeda tinha um valor estável e no qual as pessoas passaram a ter um nível de renda melhor do que tinham num passado recente. Um ponto importante também é que a classe média que participou desse boom era completamente diferente da dos seus pais. Ao contrário da classe média tradicional, em que o pai é médico, o filho é médico, o neto é médico. A classe média que emergiu é muito diferente daquela dos pais que normalmente vinham do meio rural, pessoas normalmente muito humildes. Então, houve um descolamento geracional.

E a terceira grande mudança é o que eu chamo de expansão empreendedora. Do ponto de vista quantitativo, essa ideia de empreendedorismo sempre apareceu nas pesquisas de opinião, as pessoas gostariam de ter seu próprio negócio. Na minha opinião,

foi recentemente que isso ganhou um aspecto qualitativamente diferente porque foi para as classes mais baixas. Há esse livro do Renato Meireles e do Celso Ataíde, *"Um país chamado favela"*, em que a gente encontra o dado de que dos cerca dos 12 milhões de pessoas que moram em favela, algo em torno de 20% vive de pequenos negócios. E há alguns empreendimentos da favela muito interessantes, um deles que vende passagens de avião para as pessoas que moram na favela.

Eu entendo que emergiu dessa conjugação de mudanças um novo cidadão, cuja principal característica foi a transformação daquela pessoa que esperava que tudo caísse do Estado para alguém que quer realizar, que quer correr atrás, que quer fazer, que trabalha de dia e que estuda de noite.

E só para arrematar, em 2013 e 2014 o *Datafolha* fez uma pesquisa cujos dados me parecem impressionantes para um país como o Brasil. Havia uma pergunta para o pesquisado responder se concordava ou não: Quanto menos o Governo atrapalhar a competição, melhor. Isso aumentou de 31% para 35% de um ano para outro. E há uma outra, que acho quase inexplicável tendo em vista que o Brasil tem uma população de quase 30% de eleitores que não fazem parte da População Economicamente Ativa, e tem 14 milhões de famílias no Bolsa Família. Vejam com que os brasileiros concordam: é preferível pagar menos impostos ao governo e contratar serviços particulares de educação e saúde. 49% dos brasileiros concordam com esse tipo de afirmação. É uma conclusão bastante preliminar, mas nós podemos estar entrando num novo patamar cultural nesse sentido das relações entre as pessoas, as pessoas e a empresa, as pessoas e o Estado, principalmente nessa forma de querer empreender. É como se a estabilização da moeda tivesse gerado novos ânimos no brasileiro, um ânimo muito mais capitalista e muito mais propenso ao empreendedorismo.

“ 50% dos novos empreendedores são do sexo feminino. O que além de trazer maior beleza para o mercado, trouxe os valores do lar e uma persistência muito maior que as mulheres revelam na condução dos negócios ”



SÉRGIO RONDINO: Eu pergunto ao Marcel Solimeo se é possível quantificar o número de empreendedores do Brasil. Qual é hoje a dimensão social e econômica desse segmento?

MARCEL SOLIMEO: O Rubens falou da tradição estatista do Brasil, e como fruto dessa tradição nós tivemos sempre uma burocracia sufocante. E hoje a gente olha os números do empreendedorismo e se surpreende muito. Mas já existia uma grande faixa de empreendedorismo informal, que a gente nunca conseguiu quantificar corretamente. O brasileiro sempre procurou se defender, seguir aquela linha do cara que está tentando sobreviver de qualquer jeito, com o Estado ou contra o Estado.

Então, nós tínhamos uma classe empreendedora informal, que hoje aparece em grande parte na estatística como formal por causa do Simples e do MEI. E um fator importante foi a estabilização. Era difícil fazer o empreendedorismo planejado num país em que a inflação chegava a 80% ao mês, isso era praticamente impossível. As pesquisas já mostravam -

eu lembro de pesquisas de 1983 - o sentimento do brasileiro de ser empreendedor, mas naquele tempo só havia o empreendedorismo quase por necessidade. Hoje, nas pesquisas do GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), que são anuais, praticamente 70% dos novos empreendedores surgem por oportunidade. E essa oportunidade decorre da estabilização, da simplificação burocrática para abrir um negócio - com o MEI e o Simples - e do crescimento da economia, que dá oportunidades. Nós temos hoje cerca de 40 milhões de empreendedores, mas grande parte deles é no MEI, cerca de 11 milhões. Eram pessoas que já viviam por conta própria, mas num sentido mais amplo do termo, já eram empreendedores. Viviam por conta própria, só que na total informalidade. Mas a cultura vem mudando, em parte também porque a legislação vem permitindo isso.

No passado, não só o Estado não dava ajuda para alguém sobreviver como empreendedor, como dificultava a sobrevivência. As pesquisas mostravam: você tem vários fatores que levam a pessoa a empreender. Um deles é a vocação, o desejo de independência.

“ Eu acho que a estabilização teve um papel fundamental ”



Outro é a ruptura: você se forma, perde o emprego e vai buscar uma forma de se defender. Hoje, não. Boa parte dos novos empreendimentos são planejados. Além do mais, há a revolução tecnológica da informática, que criou um campo novo. É onde os jovens estão investindo muito como empreendedores. Criou uma faixa de empreendedores que no passado não existia.

A melhora do nível de educação contribuiu. E um peso grande no mercado empreendedor hoje é a mulher. De acordo com a pesquisa do GEM, 50% dos novos empreendedores são do sexo feminino. O que, além de trazer maior beleza para o mercado, trouxe os valores do lar e uma persistência muito maior que as mulheres revelam na condução dos negócios. Então, eu acho que hoje nós temos uma transformação que vai sofrer algum baque com a desaceleração da economia, mas acredito que isto não é uma trava definitiva. Vai desacelerar a criação de novas empresas, mas acho que não vai matar o espírito empreendedor. Com a economia retomando, acho que nós temos uma grande oportunidade.

SÉRGIO RONDINO: A necessidade ainda é o principal motor do empreendedorismo?

MARCEL SOLIMEO: As primeiras pesquisas do GEM no Brasil são de 1999. A maior parte dos novos empreendimentos vem da necessidade, da busca da sobrevivência. Hoje, 70% são novos empreendimentos decorrentes de oportunidades. Então eu acho que a economia melhorou. A estabilização é um fator muito importante em tudo isso porque é o que permitiu o crédito. Hoje, não só o consumidor tem acesso ao crédito. O microempresário passou a ter acesso ao crédito a juros mais baixos, a prazos mais longos. Antes você não tinha mecanismos de crédito para começar ou para tocar um negócio. Eu acho que a estabilização teve um papel fundamental. A melhora do nível da educação também. E o terceiro ponto foi a simplificação burocrática. E como quarto ponto o crescimento da economia, que infelizmente vem declinando, mas em algum momento vamos retomar.

A pessoa que tem atitude empreendedora tem que ter um sonho. Ela tem que desejar um país que seja maravilhoso para ela



MARA SAMPAIO: A pessoa que tem atitude empreendedora tem que ter um sonho. Ela tem que desejar um país que seja maravilhoso para ela. Pode ser um país como o nosso ou pode ser o país individual, seus projetos pessoais. O empreendedorismo, o abrir uma empresa, é uma coisa comum na nossa sociedade, que já tem anos, desde que começaram as pesquisas sobre empreendedorismo. Na primeira delas, inclusive, nós fomos surpreendidos. Éramos o país que tinha a maior taxa de empreendedorismo - isso no final da década de 1990, começo de 2000. Essa surpresa foi grande. Fomos pesquisar e começamos a trabalhar. Não parecia que nós tínhamos tantos empreendedores, não era nem uma palavra usual na nossa cultura. A gente tinha até dificuldade de pronunciar a palavra empreendedor. E o que a gente descobriu é que existe uma diferença entre você abrir uma empresa por necessidade, formal ou informal, e você ter esse espírito de gerar riqueza, de inovação, que é o que a gente chama de empreendedorismo de oportunidade. Eu trato desse empreendedor por oportunidade, que aquele que tem um sonho, que não precisa empreender para

SÉRGIO RONDINO: Mara Sampaio, a capa do seu livro dá uma ideia da abordagem inédita e bastante interessante da questão do empreendedorismo. O título completo é *“Atitude empreendedora: descubre com Alice o seu País das Maravilhas”*. O que é a atitude empreendedora?

MARA SAMPAIO: O espírito empreendedor na sociedade, o espírito empreendedor na democracia tem a ver com postura pessoal. A atitude é uma pré-disposição para agir. É a forma de ver, a forma de sentir e do que fazer frente a uma situação que a gente tem no dia a dia. E mais especificamente, no caso de uma atitude empreendedora, é a pré-disposição que as pessoas têm, a vontade de ter um empreendimento, de realizar um projeto. A vontade de fazer mudanças, inovar no trabalho, inovar no mercado, e consequentemente gerar riquezas ou progredir.

SÉRGIO RONDINO: O sonho é ponto de partida do empreendedor? Tem que ter um sonho, antes de tudo?

sobreviver, para se virar - como a gente estava falando aqui -, mas é aquele que quer fazer uma mudança significativa e com isso acha que vai produzir riquezas e vai progredir no empreendimento dele.

SÉRGIO RONDINO: Hoje já são 11 milhões de microempreendedores individuais. Esse microempreendedor individual, ou microempresário, um pipoqueiro, por exemplo, ele se sente empresário? Porque hoje o pipoqueiro pode dizer “eu sou um empresário, sou um MEI, eu tenho uma empresa, eu faturei e tenho que prestar contas disso”. Em toda a sua experiência ao longo desses anos, dando cursos, trabalhando no Sebrae, você sente que isso está mudando nas pessoas ou não?

MARA SAMPAIO: Isso está mudando. O empresário era uma figura que tinha uma conotação negativa na sociedade antigamente. E esse movimento de empreendedorismo, as ações que vêm despertando a atitude empreendedora no País, fazem mudar essa visão do empresário. No passado, até as pessoas que eram de fato empresárias e bem-sucedidas escondiam isso em algumas situações sociais. Porque não eram bem vistas. Muitos empresários da nossa geração, ou da geração anterior, queriam que seus filhos estudassem para não continuar o negócio da família. Era para arrumar um bom emprego, ser concursado, ser doutor, porque não era bacana ser empresário.

Houve a valorização do papel do empresário. Hoje as pessoas têm orgulho de se dizer empreendedor ou empresário. Até o pipoqueiro, a manicure. Eles empreendem, têm orgulho de se sustentar, ser responsável pelo seu próprio empreendimento, e muitas vezes por gerar emprego.

Porque é muito comum que o pipoqueiro tenha um assistente, que a dona do salão tenha duas, três pessoas que ajudem a fazer manicure. Isso é um orgulho, poder ajudar uma outra família, além de sustentar a sua própria.

SÉRGIO RONDINO: Ter empregados é motivo de orgulho para essas pessoas? Isso também pesa?

MARA SAMPAIO: Isso pesa. As pesquisas mostram que os nossos empreendedores, aqueles que já têm uma empresa formalizada, ainda têm insegurança de ter empregados por causa da legislação. Mas ter é motivo de orgulho. E a maior parte das pessoas que tem a atitude empreendedora tem essa característica pessoal de saber que sozinha ela não consegue crescer. Que é importante ter outras pessoas ajudando. Nesse caso, muitas vezes são seus funcionários que vão ajudar a realizar o sonho.

RUBENS FIGUEIREDO: O trabalho do ministro Guilherme Afif, de criar condições para que a pré-disposição de empreender se generalize, foi elogiado até pela revista *Veja*. E olha que para a *Veja* elogiar alguma coisa do governo é difícil. Por quê? Nós temos uma população doída para empreender e um governo que não deixa, que estimula o consumo. Essa equação é difícil de fechar. Essa maior facilitação de tornar o sonho alguma coisa real, eu acho que pode dar um impulso. Já está dando e os dados mais recentes mostram que houve um crescimento muito grande de novos empreendedores depois da lei. Eu acho que isso pode ficar ainda mais forte do ponto de vista cultural, mesmo com uma economia que não está se mostrando tão vigorosa neste momento.



“ São pessoas que são diferenciadas na sua perspectiva de futuro. Que olham para o presente não como um fim em si, mas como uma passagem para algo melhor ”

SÉRGIO RONDINO: A Mara falou do temor que as pessoas têm de contratar empregados, por causa das exigências e custos da legislação trabalhista. O Marcel falou da burocracia. O Rubens acabou de falar também disso. Eu pergunto se o Estado e a sua burocracia ainda são um enorme inimigo do empreendedorismo e se isso tem possibilidade de mudar a curto, médio ou longo prazo.

MARCEL SOLIMEO: Eu diria que o Estado ainda é um grande inimigo. E a legislação que nós temos é muitas vezes precária. A nossa legislação trabalhista é antiempresarial e é contra o progresso. Muitas vezes o empreendedor procura não crescer para não enfrentar problemas. Isso limita muito as possibilidades porque quem não cresce, perece num prazo mais longo. E a nossa legislação é muito casuística, muito detalhista principalmente na parte trabalhista. Nós vamos ver agora, com a empregada doméstica. Vão aprovar o pagamento do Fundo de Garantia e depois vão exigir que você faça o e-social, que é um formulário altamente complexo. Então, está desestimulando a emprega-

da mensalista e levando as pessoas a partir para a diarista. Você acaba, muitas vezes, perdendo a eficiência para seguir os caminhos legais, e às vezes pega até o caminho da informalidade para conseguir tocar o seu negócio.

SÉRGIO RONDINO: Mara, você sente isso no seu contato com eles?

MARA SAMPAIO: Essa é a diferença quando se fala da atitude empreendedora como dado da realidade. E por isso eu faço analogias com Alice no País das Maravilhas. O empreendedor, aquela pessoa que tem uma atitude empreendedora, muitas vezes olha para os obstáculos governamentais e estruturais com otimismo, com positividade. Ela acha que vai conseguir progredir, contornar. Então, essa é a ideia. Nós não podemos deixar de estimular ou de propiciar um ambiente cultural e educacional para a atitude empreendedora, apesar de a estrutura, das diferentes instâncias governamentais, das instituições governamentais ainda serem inimigas do empreendedor. Porque são pessoas diferenciadas na sua motivação.



São pessoas diferenciadas na sua perspectiva de futuro. Que olham para o presente não como um fim em si, mas como uma passagem para algo melhor. Pessoas que arregaçam as mangas e botam para fazer. A atitude empreendedora é capaz de movimentar aspectos culturais e educacionais para que haja uma mudança inclusive nos aspectos legais. Eu acho que isso já vem acontecendo.

RUBENS FIGUEIREDO: A gente tem a cultura da sociedade e a cultura do Estado. E as duas se combatem em alguns momentos. O Estado brasileiro é até irônico, porque ele faz tudo - ou fazia - para não deixar você abrir sua empresa. Demora em média cento e cinco dias, o que é uma coisa absurda. Nos Estados Unidos, em dois dias você abre um empreendimento. E aí o empreendimento não deu certo, o Estado faz tudo para você não fechar. O Estado parece estar indo na direção de flexibilizar essa norma, essa dificuldade, essa burocracia, e entender que isso não vai gerar queda de receita. Porque o Estado brasileiro é muito fiscalista, pensa no curto prazo. Pensa que se hoje um milhão de empresas dão um bilhão de ar-

recadação, se diminuir a alíquota aqui vai cair. Se tiver um raciocínio mais consonante com o futuro, pensar um pouco mais nas consequências que teria, uma mudança de visão em relação ao empresário... Ele não é o inimigo. Essa visão empresário-inimigo é muito cultuada nas relações Estado-sociedade no Brasil. O Estado, por um lado, explora; e o empresário é inimigo. Eu acho que há um movimento para que esse terceiro ciclo de expansão empreendedora seja ainda mais rigoroso.

SÉRGIO RONDINO: Será que os empreendedores, os microempresários e os MEIs, e até os informais, começam a se perceber como um segmento social claramente identificado? Nós estamos falando de 40 milhões de empreendedores. É um segmento social, em tese, de um poder político, de um poder social muito grande. No entanto, não é o que se vê. Ainda temos de um lado os empresários e sua estrutura sindical, e do outro os trabalhadores e seus sindicatos, enquanto esses 40 milhões não têm voz, não têm vez. Vocês percebem se já existe algum movimento nesse sentido ou ninguém tem muita noção disso?



MARCEL SOLIMEO: A questão do MEI é muito recente. Mas a gente já percebe que aqueles que migraram do profissional autônomo para o MEI se sentem mais importantes. Eles têm um CNPJ e têm um comprovante de renda até para o acesso ao crédito, o que era uma grande dificuldade do informal, porque ele não tinha comprovação de renda. Mas ele ainda não realizou totalmente essa nova condição. É um período de transição muito recente. Ele dizer “ah, eu sou encanador” ou ele dizer, “eu sou microempresário individual”. Ainda continua dizendo encanador. Mas ele já se sente mais valorizado perante a família e os amigos. E acho que isso é o começo para ele dar novos passos. O primeiro passo é formalizar. A partir daí ele tem condições para dar outros.

SÉRGIO RONDINO: Sentir-se empreendedor e assumir essa postura, Mara?

MARA SAMPAIO: Eu acho que ainda falta esse segundo passo, que é a atitude empreendedora. Ele já é formalizado, mas ainda não desenvolveu essa visão dele próprio, essa visão social de que ele pode fazer mudanças. Inovar, melhorar e progredir em função disso. Ainda acho que no mundo do trabalho, a visão é o profissional autônomo e não o empreendedor. Eu sou um encanador, não um empreendedor.

RUBENS FIGUEIREDO: No imaginário popular, a noção de não ter patrão aumenta o status no meio de convivência desse que deixou de ser encanador e se tornou um microempreendedor. Do ponto de vista simbólico, eu acho que isso teve uma representação enorme na vida.

MARA SAMPAIO: Você tem toda razão!

“ A ideia de não ter patrão é muito mais forte do que a de ser empresário ”



RUBENS FIGUEIREDO: E onde as pessoas estabelecem as suas relações sociais. Tanto é que eu fiz muita pesquisa sobre isso na época do Sebrae. A ideia de não ter patrão é muito mais forte do que a de ser empresário. A imagem que a opinião pública geral tem do empresário é do grande empresário. Nos desenhos, o empresário é um cara com charuto, barrigudo e numa situação de superioridade em relação aos que estão do lado dele. Então, você não ter essa figura canhestra a te controlar a vida é um avanço e tanto, que aumenta a autoestima do microempresário.

MARA SAMPAIO: Por isso eu acho importante a gente falar da atitude empreendedora e não do empreendedor, como se o fato de ter um CNPJ, de ter um empreendimento, já o torna um empreendedor. Se ele não tiver uma atitude que modifique o que ele entende por ser patrão, ele vai recusar esse título de patrão porque sempre foi mal visto por ele mesmo. Ele quis se livrar do patrão e agora é ele o patrão? A atitude amplia essa perspectiva social. Ele deixa de ser iso-

lado - ou 40 milhões deixam de ser isolados - e passa a ganhar corpo socialmente, ter crenças compartilhadas, hábitos compartilhados, uma imagem compartilhada. E aí pode-se criar uma questão associativa e ser representativo socialmente, o que ainda não é. Nós estamos num estágio muito embrionário de formalização dessas pessoas, e socialmente elas ainda não se apropriaram, ainda não tem uma atitude empreendedora, que vai ao encontro da posição que ela já tem.

SÉRGIO RONDINO: Eu gostaria de saber se empreendedor é apenas aquele que pretende ter seu próprio negócio. Seu livro dá a entender que não, que a atitude empreendedora é muito individual. É uma disposição para vencer obstáculos, como você diz no livro, superar dificuldades, ser como a Alice. Por exemplo, um profissional que está muito satisfeito com sua situação, que ganha determinado salário e só ambiciona chegar ao final da vida da mesma maneira - esse não me parece um empreendedor. Enquanto que outro, na mesma situação, prefere dizer: “Não, não



“ Não é o Estado que define a nossa vida, nós mesmos podemos ser protagonistas das nossas vidas ”

vou ficar aqui. Eu quero mais. Eu quero melhorar aqui dentro ou eu quero sair disso aqui e ir para outra coisa. Eu quero criar mais”.

MARA SAMPAIO: A atitude empreendedora depende mesmo do veículo que a pessoa tem, se é uma empresa ou um cargo dentro de uma empresa. Em qualquer área do conhecimento, em qualquer área da sociedade pode haver pessoas empreendedoras, que tenham essa atitude de modificação, de inquietação, de gerar mais riqueza, de gerar mais progresso onde estejam. E eu acho que principalmente agora, no mundo contemporâneo e com as perspectivas de crise, mais essa atitude empreendedora será importante. Vai ser pior para a pessoa que só não quer perder o emprego. A gente vai entrar num momento econômico em que não há nada garantido. Então, as pessoas vão precisar criar mesmo respostas novas, se prontificar a resolver questões que não estão sendo resolvidas dentro da empresa em que elas estão. Trabalhar com menos, produzir mais. Eu acho que essas questões vão

ficar mais presentes para quem é profissional dentro de uma empresa. Essa atitude empreendedora vai ser mais exigida dela.

SÉRGIO RONDINO: Cada um de vocês poderia fazer as suas observações finais.

RUBENS FIGUEIREDO: A gente pode dizer que há um etos empreendedor e que houve um aprofundamento dessa condição, de vinte anos para cá, pela série de transformações que tivemos. É certo que a insegurança econômica gera um refluxo na transformação do “eu quero ser empreendedor”, na abertura efetiva de um novo negócio. É interessante que, no Brasil, temos a cultura do empreendedor, que está muito associada à questão do risco - e o risco é algo tipicamente do sistema capitalista: eu boto fé no que eu sou capaz de fazer, eu vou abrir o meu negócio. E isso entra em choque com outro traço importante da cultura brasileira, que é arrumar emprego público, a estabilidade. Há pessoas que ficam seis, sete anos

“ Você só progride com maior produtividade ”

fazendo concurso para ter o quê? Ele quer ter estabilidade e ficar com a segurança de ter o emprego para o resto da vida. O contrário do que o empreendedor quer, que é o risco e crescer. Essa é uma coisa para a gente pensar e quem sabe desenvolver em uma outra oportunidade.

MARCEL SOLIMEO: O empreendedorismo está na ordem do dia, mas eu acho que a própria sociedade precisa reconhecer mais o papel do empresário, a figura do empresário. Hoje está começando a mudar, mas até bem pouco tempo, o próprio empresário não se valorizava. O importante era ser doutor ou funcionário público numa boa estatal, se é que existe.

É preciso que a própria sociedade encare mais a figura do empresário como agente de desenvolvimento para deixar de esperar muito do Estado. Nós ainda temos essa cultura. A gente vê um movimento pelo passe livre. ‘O transporte é responsabilidade do Estado’. Tudo Estado, Estado, Estado. Não estamos valorizando devidamente o próprio papel que o trabalhador



desenvolve para o progresso e o papel do empresário, que na verdade é quem pode produzir o desenvolvimento com o aumento de produtividade. Você só progride com maior produtividade. Eu acho que temos um caminho a percorrer, mas avançamos bastante.

MARA SAMPAIO: A economia, as questões sociais e as culturais andam juntas. Melhorou a economia, você melhora o padrão social, que melhora o acesso cultural. A educação e algumas ações de políticas públicas ajudam demais a desenvolver a atitude empreendedora. Recentemente houve uma pesquisa sobre cidades empreendedoras, falou-se de Florianópolis, de Vitória e de algumas outras cidades no Brasil que estão investindo para melhorar e ter um ambiente para que a atitude empreendedora floresça. Também algumas leis. Foi aprovada uma lei aqui na Assembleia Legislativa de São Paulo para implementar no currículo escolar do Ensino Médio a disciplina de empreendedorismo. Eu acho que isso ajuda na mudança cultural, na apropriação de novos valores

da pessoa - de se responsabilizar pela sua vida, autonomia e desejar o progresso. Eu acho que isso é importantíssimo para que a gente mude mesmo isso: não é o Estado que define a nossa vida, nós mesmos podemos ser protagonistas das nossas vidas. As pessoas, a cultura... a sociedade é mais empreendedora quanto mais as pessoas protagonizarem suas próprias vidas. E não ficar esperando o estado ou um salvador da pátria para resolver questões sociais, educacionais e econômicas.



SÉRGIO RONDINO: Mas nós já evoluímos bastante. Se a gente lembrar do Jeca Tatu, que virou um empreendedor depois que tomou remédio, percebe que a atitude empreendedora já aparecia num personagem brasileiro, na primeira metade do século passado, desde que devidamente incentivada - no caso de Monteiro Lobato incentivada pelo remédio contra bicho de pé.

Muito obrigado a vocês pela participação nesse nosso Encontro Democrático.



Presidente - Guilherme Afif

1º Vice-presidente - Vilmar Rocha

2º Vice-presidente

Diretor de Relações Internacionais - Alfredo Cotait

Secretária - Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente - João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Henrique Meirelles

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

Vilmar Rocha

Guilherme Campos

Eduardo Sciarra

Coordenadores dos Conselhos Temáticos

Política Econômica - Henrique Meirelles

Emprego e Trabalho - Ricardo Patah

Gestão Pública e Transparência - Rubens Chammas

Pacto Federativo e Tributação - Samuel Hanan

Previdência - Reinhold Stephanes

Educação - Alexandre Schneider

Saúde - Eleuses Paiva

Infraestrutura, Transportes e Energia - Eduardo Sciarra

Desenvolvimento Urbano - Paulo Simão

Desenvolvimento Rural - Cesário Ramalho

Meio Ambiente e Sustentabilidade - Marcelo Cardinale Branco

Cultura - Danilo Miranda

Esportes - Antonio Moreno Neto

Turismo - Marcelo Rehder

Indústria, Tecnologia e Inovação - Ozires Silva

Inteligência e Mídias Digitais - Aleksandar Mandic

Justiça - Arnaldo Malheiros Filho

Segurança Pública - Túlio Kahn

Desenvolvimento e Inclusão Social - Alda Marco Antonio

Participação e Cidadania - Ivani Boscolo

Política Externa

e Comércio Exterior - Embaixador José Botafogo Gonçalves

Defesa Nacional - Gen. Antônio Luiz da Costa Burgos

Conselho Consultivo

Acre - Sérgio Petecão

Alagoas - Jorge Silvio Luengo Galvão

Amapá - Eider Pena

Amazonas - Omar Aziz

Bahia - Otto Alencar

Ceará - Patrícia Pequeno G.C. Aguiar

Distrito Federal - Rogério Rosso

Espírito Santo - José Carlos Fonseca Junior

Goiás - Vilmar Rocha

Maranhão - Claudio Trinchão

Mato Grosso - Neurilan Fraga

Mato Grosso do Sul - Antônio Cesar Lacerda Alves

Minas Gerais - Diego Andrade

Pará - Helenilson Pontes

Paraíba - Rômulo Gouveia

Paraná - Eduardo Sciarra

Pernambuco - André de Paula

Piauí - Júlio Cesar

Rio de Janeiro - Indio da Costa

Rio Grande do Norte - Robinson Faria

Rio Grande do Sul - José Paulo Dornelles Cairoli

Rondônia - Moreira Mendes

Roraima - Rodrigo Jucá

Santa Catarina - Antônio Ceron

São Paulo - Alfredo Cotait Neto

Sergipe - Jeferson Andrade

Tocantins - Irajá Abreu

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2015 - Nº 1

Site Nacional: www.psd.org.br

Twitter Nacional: @psd_55

Facebook Nacional: PSD 55

Coordenação - Scriptum Comunicação

Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS



www.espacodemocratico.org.br